

Sociedade e *fakenews*: A crise global da desinformação sistemática no ensino brasileiro



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.006-073>

Tarcísio Bezerra de Lima Júnior

Doutorando em Ciências Sociais – Linha de Pesquisa Complexidade, Cultura e Pensamento Social (PPGCS/UFRN); Mestre em História e Espaços (UFRN); Especialista em Gestão Pública Universitária (UFRN); MBA em Gestão de Conflitos (FAL/RN); Especialista em Gestão de Pessoas (FAL/RN); Pedagogo/Licenciatura (UFRN); Administrador (UFRN); Historiador (UFRN).

E-mail: tarcisiolimajr@gmail.com

RESUMO

O estudo visa problematizar a disseminação de *fakenews*, contrainformação e desinformação em ambiente escolar bem como o impacto destes na formação sócio educacional do estudante brasileiro dos anos finais do ensino médio. A globalização e a facilitação do acesso tecnológico às plataformas virtuais midiáticas fizeram surgir um novo espaço

de comunicação e entretenimento na sociedade atual. A cibercultura imprimiu celeridade e “democratizou”, de certa forma, os produtores de conteúdo midiático, porém “fragilizou” a segurança informacional e popularizou a desinformação sistemática. A pesquisa se estrutura em eventos ocorridos em ambiente escolar (escolas públicas e privadas) com relação à disseminação de *fakenews* e desinformação. Os dados serão coletados e tabulados através da abordagem quali-quantitativa e oferecerão subsídios à problemática da pesquisa. A análise dos resultados aponta para a generalização da desinformação e a prática de vilania informacional, bem como apresenta uma estratificação social do impacto das *fakenews* no ambiente escolar, apontando a escola pública relativamente como mais consciente, porém mais vulnerável à dispersão de *fakenews*.

Palavras-chave: Sociedade, Fakenews, Desinformação, Educação, Globalização, Ética.

1 INTRODUÇÃO

Se a educação não muda a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda.
Paulo Freire (1921-1997)

“A linha reta do horizonte é a prova cabal, mais-que-perfeita, que o planeta Terra é plano” disse o negacionista/terraplanista Jotha Martins criador do canal no YouTube “Sem Hipocrisia” que se auto intitula pesquisador, dono de diversos posts, matérias e conteúdo sobre terraplanismo com vídeos com mais de 431 mil visualizações¹. Outro streamer e produtor de conteúdo chamado Super Xandão, em seu canal no YouTube com mais de 29,9 mil inscritos/seguidores também reverbera sobre o tema chegando a marca de quase 3 milhões de visualizações e 370 mil curtidas em entrevista ao Flow

¹ Ver entrevista completa no Youtube no canal Quem Somos Nós em: https://www.youtube.com/watch?v=XH1ITfddsM&t=292s&ab_channel=QuemSomosN%C3%B3s%3F > . Acessado em 05 de set de 2022.



Podcast Super #213². O que as afirmativas das orações anteriores expõem não tem teor humorístico, irônico ou hipotético, mas sim uma “sentença” afirmativa invocando ideais, pseudociência e pensamentos de teóricos da Idade Média para sua fundamentação basilar destas ideias para o público que os acompanham.

Porém qual a relação desses produtores de conteúdo digital com a perceptível crise sistêmica do ensino brasileiro? A conjuntura político-social sempre foi decisiva na construção do sistema de ensino brasileiro, bem como os fatores culturais, espaciais e tecnológicos³ intrínsecos nesta mesma sociedade. Cronologicamente, vivemos o pleno desenvolvimento social adentrando ao século XXI, na chamada Era Tecnológica⁴; caracterizamo-nos, pois, como sujeitos sociais dependentes destas tecnologias em praticamente todos os processos rotineiros. Portanto, como sociedade tecnológica, percebemo-nos com elevada dependência estruturante de equipamentos e eletroeletrônicos nas tratativas do dia a dia.

Na educação tal advento proporcionou avanços, em especial nas comunicações, como acesso ao ensino remoto no atual momento pandêmico instaurado desde 2020⁵. Ampliou-se a capacidade de ensino e aprendizado ao sair do espaço físico, tradicional e histórico da escola como a conhecemos (espaço institucional), para um novo patamar de ensino ao extrapolar tais barreiras físicas e espaciais – o ensino está ao alcance dos nossos dedos pelas plataformas virtuais (espaço educacional). A tecnologia está em todo lugar, sendo inevitável a sua criação e desenvolvimento, pois é uma característica humana nata (ARAÚJO, 2007; SCHWARTZMAN, 2005).

Elencadas, sucintamente, as definições da sociedade tecnológica e dos espaços educacionais, torna-se necessário compreendermos o que ocorre com essa nova geração de estudantes. Estudos comportamentais e psicossociais traçam perfis de como (re)age tais gerações de estudantes nessa sociedade tecnológica quanto ao consumo e interesses. Tais estudos geracionais⁶ são constantes e auxiliam sistematicamente não só empresas e seus departamentos de *marketing* na prospecção de mercado através da análise de perfis de possíveis consumidores e clientes, mas também são fundamentais aos psicólogos, terapeutas e psicopedagogos em seus diagnósticos e análises laborais.

² Ver entrevista em: https://www.youtube.com/watch?v=707zRTWP6so&t=25s&ab_channel=FlowPodcast. Acessado em 05 de set de 2022.

³ Entendendo a tecnologia como mecanismo/instrumento/técnica que sempre permeou o desenvolvimento social do homem ao longo de sua história (Nota do autor).

⁴ Também conhecida como Era Digital ou Era da Informação – compreende meados de 1970 aos dias atuais, a qual impulsionada pela indústria armamentista militar aliada à animosidade e atmosfera bélica entre as principais potências mundiais tivemos um sobressalto das ferramentas, equipamentos e utensílios eletrônicos nas áreas informacionais, digitais e virtuais como a criação de processadores e computadores e o desenvolvimento da Inteligência Artificial (SENDOV, 1984).

⁵ Lei Complementar nº 173, de 27 de maio de 2020, que estabelece o Programa Federativo de Enfrentamento ao Coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19); Portaria MS nº 188 do Ministério da Saúde, de 3 de fevereiro de 2020; Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; Portaria MS nº 454, de 20 de março de 2020; IN nº 1, de 17 de agosto de 2020; IN nº 109, de 29 de outubro de 2020 e demais posteriores.

⁶ Tais estudos geracionais tomam por referência Karl Mannheim (1893-1947) como precursor deste campo do conhecimento.



Sabendo disso, esta pesquisa pautara-se nos jovens da chamada geração Z e posteriores⁷ – cronologicamente inseridos nesta Era Tecnológica, tendo como característica a alta dependência dos aparatos e equipamentos eletroeletrônicos em suas relações sociais e diárias (FURIA, 2013; WELLER, 2010). Aliada a observação da alta dependência tecnológica dessas novas gerações traçou-se uma análise do desempenho escolar (QEdu; Censo Escolar; INEP; IDEB; SEEC/RN) deste grupo de discentes pertencentes a estas gerações específicas.

O estudo considera as análises de desempenho acadêmico escolar das instituições públicas da Região metropolitana do município de Natal (2018-2020) a fim de corroborar a hipótese que, embora tais organizações estejam inseridas sócia e historicamente na Era Tecnológica da sociedade atual, o desempenho acadêmico-educacional não retrata tais avanços e conexão com o cenário tecnológico observado, diacronicamente, sofre com taxas de insucesso e índices de retração que impossibilitam o alcance de metas pré-estabelecidas pelo MEC e demais estatutos mensuradores de desempenho⁸, oferecendo, assim, um recorte situacional do sistema de educação potiguar.

Aliada a esta questão social, cultural, tecnológica e pedagógica da relação da atual geração de estudantes com a educação em meio à esta sociedade tecnológica saliente-se outro fator de considerável impacto no atual sistema de ensino: a disseminação de *fakenews*, através da desinformação e contrainformação generalizada em praticamente todos os níveis de ensino. Portanto, eis a justificativa de se iniciar o presente estudo com as entrevistas e falas de 02 (dois) influenciadores digitais que tratam sobre o terraplanismo e negacionismo. A exemplo, os anos de 2019 a 2021 apresentaram fortes vinculações midiáticas sobre a hipótese da Terra Plana (uma teoria /pensamento medieval ligado aos séculos XIV ao XVII) o que por si só já se refletiria em razoável preocupação, haja vista reconsiderar a validade de uma hipótese arcaica, obsoleta e refutada da epistemologia mundial em dias atuais seria fato impensado e, por vezes, esdrúxulo considerando nosso atual cenário tecnológico e científico.

Assim, considerando a disponibilidade tecnológica; o acesso à informação e as garantias institucionais de ensino aos indivíduos, dever-se-ia observar um cenário educacional ideal no qual teríamos um pleno desenvolvimento cognitivo e o fomento ao conhecimento transdisciplinar múltiplo. Porém, o cenário real demonstra que tais estruturas disponíveis não refletem o resultado ideal e sim, apresentam um cenário oposto ao esperado: evasões, reprovações, desinteresses e por vezes indisciplina (BASTOS, 2015; COLOMBO, RAZZO, 2002). Embora Michel Foucault (1979) já apontasse a não linearidade do desenvolvimento humano e, por assim dizer, sua caótica evolução

⁷ A classificação brasileira de gerações para estudo comportamentais e de perfil aponta a seguinte configuração: Baby Boomers – (1945 – 1964) / Geração X – (1965 – 1979) / Geração Y ou Millenials (1980-1994) / Geração Z – (1995 – 2010); Alpha (2011 - Atual). Embora alguns autores só reconheçam estudos até a Geração Z (WELLER, 2010; McCRINDEL, 2014; FURIA, 2013).

⁸ IDEB; INEP; SAEB; CENSO ESCOLAR; ENEM; IBGE; SEEC/RN.



quanto sociedade no tempo e espaço. Tal premissa foucaultiana ainda causa estranheza diante dos dados e resultados obtidos nas últimas décadas.

Pode-se falar em crise na sociedade tecnológica considerando a perspectiva das novas gerações ou a dinâmica competitiva da atual sociedade fragilizou/desestabilizou o desempenho sociocultural das mesmas? Teria a superexposição midiática e as campanhas mercadológicas para o superconsumo influenciado no sentido de termos uma geração cada vez mais agorista e alienada socialmente. Ou apenas superestimou-se uma expectativa quanto a uma possível supergeração que se apresentasse dinâmica, instruída, reflexiva, detentora de um pensamento crítico em um contexto sócio histórico altamente informatizado (FOCAULT, 1979; 1995b)?

Ora, é inegável que as novas tecnologias trouxeram avanços indiscutíveis, disseminando uma revolução sem precedentes na sociedade em todos os segmentos possíveis desde saúde à segurança; de educação à comunicação, em específico às relações interpessoais (moldando formas de interagir, comunicar e participar de eventos e demais correlatos). Mas, apesar de toda essa facilidade de acesso, como explicar, por exemplo, que *fakenews* proporcionem a circulação de teorias e ideias absurdas com status de verdade (ou como um novo postulado científico) entre os atuais jovens? O DataFolha aponta que 7% da população brasileira acredita que a forma do planeta Terra é plana e 4% não sabe/souberam dizer⁹.

Pensa-se na atual sociedade em constante evolução e sincronizada com seu tempo e espaço. Ensejando novos olhares e novas perspectivas socioculturais e, por que não, educacionais (CYRULNIK; MORIN, 2004). Como agir em um mundo tecnológico e super conectado, no qual o desempenho escolar dos alunos não reflete essa atualidade tecnológica? Como combater o fantasma das *fakenews* e da desinformação? Como os educadores tratam esse desafio? Podemos dizer que as novas gerações não estão preparadas “culturalmente” para o convívio escolar ou para o pensamento crítico reflexivo? Percebe-se a escalada de um tipo de adoecimento psicossocial entre nossos jovens? Ou a atual estrutura institucional da escola não mais atende às demandas desta geração?

2 A PEDAGOGIA E AS INTERFACES DA NOVA PRÁXIS EDUCACIONAL

Alunos e professores devem saber que seu maior tesouro
é o diálogo; o professor deve saber que a prática de ensino
é na verdade uma troca de experiências.
Paulo Freire (1921-1997)

Compreender como a cultura tecnológica influencia a socialização e a convivência escolar da jovem geração de estudantes¹⁰ e das gerações seguintes pela perspectiva destes mesmos alunos torna-

⁹ Pesquisa Data Folha disponível em : < <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/07/7-dos-brasileiros-afirmam-que-terra-e-plana-mostra-pesquisa.shtml> >. Acessado em 08 de set de 2022.

¹⁰ Adotou-se como foco deste estudo a análise da geração Z como universo amostral da pesquisa.



se imprescindível para que se possa desenvolver estratégias didático-pedagógicas que se adequem à esta nova realidade social no âmbito de uma nova abordagem educacional.

O papel de convívio e ensino familiar é, por vezes, delegado à streamers, influenciadores e produtores de conteúdo digital. O ambiente familiar encontra-se cada vez mais oprimido pelas exigências das relações de trabalho e emprego dos pais e responsáveis e a questão do tempo-família torna-se cada vez mais escasso nos dias atuais. O tempo passa a ser moeda de troca na atual sociedade e o sistema neoliberal capitalista avança cada vez mais na imersão do sujeito social na prática/exercício do trabalho.

As crianças cada vez mais cedo estão sendo delegadas ao Youtube; TikTok; Instagram; Kwaii; facebook e congêneres. Assim, discutir como a escola pode fomentar possíveis mudanças de planejamento, ensino, didáticas e manejos que possibilitem ensejar políticas públicas que favoreçam a adaptação da escola e do educador à esta nova realidade social/geracional torna-se imprescindível, mas não resolveria a complexidade da situação. Essa nova escola carece de novas práxis (?) – e neste sentido os educadores têm um papel essencial na construção dessa nova dinâmica da relação aluno + educador (FURIA, 2013; GADOTTI, 2018; MCCRIDLE, 2014).

Este estudo trouxe a análise do desempenho escolar das instituições de ensino fundamental e médio da rede pública da região metropolitana da cidade de Natal no Rio Grande do Norte¹¹ a fim de possibilitar uma discussão teórica com a fatualidade dos resultados reais e estatísticos das organizações educacionais dos últimos anos (2018 a 2020). Analisando qualitativamente os dados obtidos, no intuito de possibilitar a percepção das relações entre a vivência e socialização escolar da atual geração de estudantes através do uso massivo tecnológico como vetor de interferência/impacto no espaço educacional:

A pesquisa em ciências sociais lida com pessoas e seus contextos de vida (...) com foco nos indivíduos e grupos - e seus comportamentos dentro de culturas e organizações (SOMEKH; LEWINS, 2015, p. 27).

Para Guerri (2015) as ferramentas metodológicas de aporte no tratamento destes recortes, quadros, estatísticas e notícias são essenciais como instrumento de medição e comparação amostral quanto ao universo total do objeto de estudo. Já os discursos foram analisados afim de compor

¹¹ Utilizou-se para o presente estudo a análise de desempenho disponíveis online das escolas da zona urbana da Região Metropolitana de Natal/RN - A criação da Região Metropolitana de Natal (RMN) ocorreu por meio da lei complementar estadual (LCE) nº 152, de 16 de janeiro de 1997, inicialmente compreendendo os municípios de Natal, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante, Ceará-Mirim, Macaíba e Extremoz. Em 10 de janeiro de 2002 Nísia Floresta e São José de Mipibu foram adicionados à RMN e, apenas quatro dias depois, foram aprovados o estatuto e o regimento interno do Conselho de Desenvolvimento Metropolitano de Natal (CDMN). Em 30 de novembro de 2005, foi adicionado o município de Monte Alegre e em 22 de julho de 2009 foi a vez de Vera Cruz integrar a região. Lei Complementar Estadual Nº 152/1997 – Disponível em < <https://leisestaduais.com.br/rn/lei-complementar-n-152-1997-rio-grande-do-norte-altera-dispositivos-da-lei-complementar-n-152-de-16-de-janeiro-de-1997-que-institui-a-regiao-metropolitana-de-natal-e-da-outras-providencias>>. Acesso em 25 de abril de 2022.



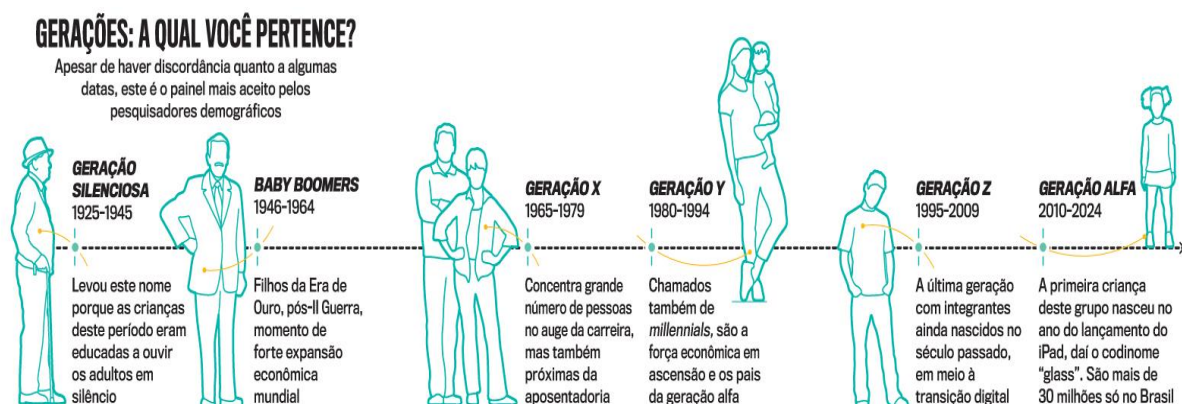
percepções quanto à relação da atual geração de estudantes, o uso demorado da tecnologia e o ambiente escolar. A pesquisa utilizou-se ainda dos teóricos sociais interpretativistas para melhor reflexão dos resultados, tendo por lastro:

(...) a pesquisa social considerando os interpretativistas, haja vista estudar os homens reflexivos e portanto interpretativos. Sendo foco da análise de sua pesquisa social apenas os dados qualitativos que sua coleta de dados tenha lugar no mundo real ou em mundos virtuais (caso do presente estudo). Neste século todos os tipos de pesquisa se realizam habitualmente no ambiente do ciberespaço (SOMEKH; LEWINS, 2015, p. 33).

O ciberespaço oferece uma infinidade de opções desde conhecimento ao lazer ou mesmo ao entretenimento, servindo-se aos jovens ocupando o espaço que pertencia a televisão até os anos 90/2000. A celeridade de informações é imensurável, bem como não há filtros quanto ao acesso destas nem tão pouca orientação quanto ao uso dessas informações disponíveis.

A análise semiótico-descritiva foi essencial para o estudo, pois possibilitou a investigação midiática das fontes, entretanto afastou-se da perspectiva positivista de causa e efeito, buscando na teoria de Bauman aporte para estudo desta fenomenologia social dos jovens desta nova geração (PEREZ, 2004; BAUMAN, 2013). Ao se coadunar as variáveis como maior expectativa de vida, tempo histórico-social, tecnologia, acesso à informação e educação percebemos-nos como deficitário em cenários que deveriam apresentar uma concretude educacional eficiente ou minimamente positiva.

Desde anos 1950 estudiosos buscam entender o comportamento geracional afim de desenhar um perfil generalista, mas que retratasse minimamente o indivíduo nascido naquele recorte de tempo e espaço. O psicólogo, pesquisador demográfico e professor Mark McCrindel destacou-se neste segmento ao desenvolver estudos que apontavam para as contingências, estruturas, tecnologias, anseios e influências (social, cultural e mercadológica) que norteasse minimamente o comportamento desse sujeito social marcado pelas características da própria época de seu nascimento.



Fonte: Revista Veja, nº 227 de 03 de março de 2021. Disponível em <https://veja.abril.com.br/tecnologia/criancas-grudadas-nas-telas-podem-ter-seu-desenvolvimento-atrasado/>, acessado em 20 de maio de 2022.

Das inúmeras denominações e tipologias observadas designadas às gerações estudadas desde o



início do século XX destaca-se de forma unânime: Baby Boomers – (1945 – 1964) / Geração X – (1965 – 1979) / Geração Y ou Millennials (1980-1994) / Geração Z – (1995 – 2010; Alpha (2011 - Atual). Embora alguns autores só reconheçam estudos até a Geração Z (WELLER, 2010; McCRINDEL, 2014; FURIA, 2013).

As últimas gerações são marcadas pelo imediatismo das relações e desejos aproximando-se da teoria baumaniana das relações líquidas – nas quais os sujeitos se relacionam superficialmente, porém não criam laços ou padrões de convivência salutares, duradouros e responsivos. Perceba-se ainda aliada às questões de relacionamentos líquidos, o imediatismo (agorismo) dos atuais jovens; da negligência do efetivo acompanhamento familiar e da superexposição a canais e conteúdo de caráter especulativo, vazios e anticientíficos.

Bauman (2013) alerta ainda para um tipo de descompromisso generalizado da nova geração – que se vê expurgada das agendas governamentais ou inseridas num contexto de competição de carreiras em vistas do sucesso meritocrático. Tamanha pressão vem causando danos ao sujeito social no que condiz a sua própria formação quanto cidadão.

McCrindle aponta ainda que tais gerações:

quando adultos, terão desafios e oportunidades maiores que os nascidos em gerações anteriores, como também diferentes. Eles são, em sua maioria, filhos dos millennials (1980-1994). Supõe-se que, devido à globalização irrefreável, trocarão de endereço e de emprego mais vezes ao longo da vida, que será majoritariamente urbana. Os alfas (atuais), segundo McCrindle, demorarão mais tempo para sair de casa dos pais e demorarão mais tempo para trabalhar ou empregar-se no mercado (*apud* Figueiro, 2021, p 48).

Concomitantemente, vive-se em uma sociedade que apesar de apresentar maior expectativa de vida¹², apresenta-se cada vez mais doente, exausta e debilitada (física e mentalmente). O neuropsiquiatra Cyrulnik (2021) prevê que os jovens que foram mais afetados pela pandemia do Covid19, por exemplo, terão maiores chances de desenvolver distúrbios depressivos¹³.

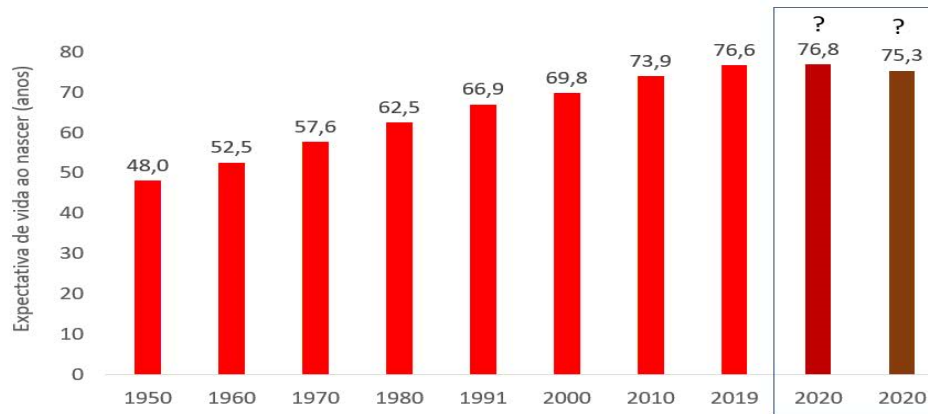
O adoecimento da nova geração reflete também na categoria de docentes. O desinteresse; a violência; os baixos índices de sucesso acadêmicos reverbera uma sociedade altamente desequilibrada e instável.

¹² Segundo o IBGE/2019 o brasileiro tem em média a expectativa de 76,5 anos.

¹³ CYRULNIK, B. “Os adolescentes mais afetados pela pandemia terão depressão crônica quando adultos”. Jornal EL PAIS. Disponível em : <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-31/boris-cyrulnik-os-adolescentes-mais-afetados-pela-pandemia-terao-depressao-cronica-quando-adultos.html>, Acessado em 18 de março de 2022.



Expectativa de vida ao nascer, ambos os sexos, Brasil: 1950-2020



Fonte: Tábuas de vida do IBGE (dúvida sobre 2020)

A depressão já se configura como a doença do século segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), sendo responsável por diversos outros transtornos psicossociais e até fatais (mortes como suicídios e assassinatos). Estudiosos especulam que 10% da população mundial sofre de algum distúrbio depressivo e que a cada ano essa cifra aumente¹⁴.

Os jovens, apesar de inserirem-se em uma sociedade tecnológica altamente informatizada e com facilidade de acesso a todo acervo possível de informação e conhecimento, também estão expostos a uma sociedade competitiva, alienante, imagética com forte apelo mercadológico e comercial focado para a indução do consumo máximo - vide a dinâmica das plataformas digitais e dos apelos dos *influencers* patrocinados por empresas diversas (DASSOLER, PALOMBINI, 2021).

Segundo o Ministério da Saúde (MS), a faixa etária de 0 a 19 anos está fortemente condicionada a distúrbios psicossociais e a faixa de 10 a 14 anos apresenta alarmante aumento de 107% em relação ao período 2017/2018 (vide tabela do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS/MS – BRASIL).

Morbidade Hospitalar do SUS - 0 a 19 anos - Brasil											
Capítulo V da CID 10 - Transtornos mentais e comportamentais											
Faixa Etária	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Variação (%) 2009-2018
0 a 4 anos	209	505	654	539	475	401	415	469	269	257	23%
5 a 9 anos	211	403	724	790	777	742	820	806	414	335	59%
10 a 14 anos	1.508	2.365	2.799	2.774	2.525	2.467	2.388	2.449	2.442	3.128	107%
15 a 19 anos	12.215	13.480	14.330	14.137	12.972	12.631	11.735	12.050	12.962	14.482	19%
Total	14.143	16.753	18.507	18.240	16.749	16.241	15.358	15.774	16.087	18.202	29%

Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

¹⁴ Ministério da Saúde. Disponível em < <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao-1>>. Acesso em 2



Não obstante, esse quadro depressivo que cresce ano a ano em nossa sociedade, alerta-se para um outro aspecto subjetivo da convivência e vivência social destes jovens: a falta de expectativas - o que Bauman (2013) aponta como uma “desesperança” percebida nessas novas gerações. Uma espécie de apatia crônica e social que impossibilita comumente a alteridade (empatia) por estes jovens:

(..) nada os preparou para a chegada do novo mundo inflexível, inóspito e pouco atraente, o mundo da degradação dos valores, da desvalorização dos méritos obtidos, das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego; da transitoriedade das expectativas e da durabilidade das derrotas; um novo mundo de projetos natimortos e esperanças frustradas e de ausência de oportunidades (BAUMAN, 2013, p. 37).

Mas, o que tanto infere a análise do perfil da geração Z e as gerações seguintes nesta percepção de um estado de desesperança, adoecimento, descompromisso educacional e apatia sistêmica observada nos jovens em idade escolar? Observa-se características únicas promovidas pela dependência tecnológica. Alguns estudiosos apontam uma retração quanto ao desenvolvimento cognitivo das futuras gerações desprovidas das experiências macroambientais e sensoriais extraídas pelo advento do *smartphone* e *tablet*. O neurocientista francês Michel Desmurget alerta que os pais das novas gerações:

...fascinados pela tecnologia, estão involuntariamente destruindo a vida de seus filhos, criando seres humanos com Q.I. (quociente de inteligência) menor do que o das gerações anteriores. O cérebro do Homo sapiens está na melhor fase da plasticidade na infância, uma janela que não fica aberta para a vida toda. Portanto, esse é o momento em que ele deve ser submetido a estímulos externos a fim de se desenvolver: música, literatura, teatro, esportes, estudo e lição de casa (2021, p. 39).

Os dados obtidos das plataformas governamentais apontam, por exemplo, que em média 90,2% dos jovens entre 07 a 19 anos estão matriculados nas escolas da região metropolitana de Natal – apresentando, portanto, 9,8% de indivíduos em idade escolar fora das instituições escolares. Destes matriculados a taxa de reprovação alcança 22% (26% para os indivíduos do sexo feminino e 18% para os de sexo masculino).

Outro dado alarmante recai sobre a evasão escolar com 16,7% – e que vem crescendo nos últimos anos em virtude da crise econômica e da insustentabilidade financeira promovida pelo governo executivo do país (considere que uma parcela significativa das famílias com filhos em idade escolar dependem de assistência governamental como Bolsa Família (rebatizado no atual governo como “Auxílio Brasil”).

Na percepção dos docentes muitos estudantes são “aprovados” em municípios diversos para que o repasse do FUNDEB não fique prejudicado ou incorra em perda de verbas governamentais – haja vista o IDEB ser calculado conforme as aprovações do alunato nas disciplinas de português e matemática multiplicado pelo índice de sucesso. Assim, escolas acabam “aprovando” indivíduos “semialfabetizados” ou “analfabetos funcionais”.



Ante tal cenário inclua-se a escalada das doenças psiquiátricas entre os jovens nos últimos anos. Segundo o Sistema de Informação Hospitalar do SUS (SIH/SUS/MS)

Morbidade Hospitalar do SUS - 10 a 14 anos - Brasil											
Capítulo V da CID 10 - Transtornos mentais e comportamentais											
Causa	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Variação (%) 2009-2018
Outros transtornos mentais e comportamentais	178	289	444	513	538	576	675	649	540	732	311%
Transtornos de humor [afetivos]	225	319	309	333	421	429	391	454	612	900	300%
Transtornos neuróticos, transtornos relacionados com o "stress" e transtornos somatoformes	37	71	91	89	62	82	81	114	91	110	197%
Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substância psicoativa	510	873	973	928	769	701	527	521	603	717	41%
Demência	15	20	26	16	13	24	19	20	19	21	40%
Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de álcool	58	124	120	103	92	72	85	87	70	81	40%
Retardo mental	136	195	313	267	267	226	271	256	152	167	23%
Esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes	349	474	523	525	363	357	339	348	355	400	15%
Total	1.508	2.365	2.799	2.774	2.525	2.467	2.388	2.449	2.442	3.128	107%

Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

Já entre os jovens com idade escolar observa-se a predominância de doenças comportamentais/psíquicas decorrentes dos transtornos de humor com 3.309 casos totalizando um aumento global em relação ao ano anterior de 126%. Outros acometimentos psíquicos apontam transtornos como esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes com 3.752 casos em 2018, o que representa aumento de 4%. Juntamente com as doenças mentais e transtornos comportamentais em decorrência do uso de substâncias ilícitas com 4.520.

Os dados estatísticos das instituições de ensino apontam para um leve afunilamento dos sucessos dos índices acadêmicos, considerando as influências decorrentes dos cenários político, social, cultural e físico e que tal cenário permaneça com a tendência de estagnação. Ratifique-se que os dados foram selecionados da região melhor estruturada do estado (com médias e índices sócio populacionais superiores às demais regiões do estado).



Morbidade Hospitalar do SUS - 15 a 19 anos - Brasil											
Capítulo V da CID 10 - Transtornos mentais e comportamentais											
Causa	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Varição (%) 2009-2018
Transtornos de humor [afetivos]	1.461	1.494	1.607	1.687	1.679	1.802	1.859	2.005	2.591	3.309	126%
Outros transtornos mentais e comportamentais	845	881	973	977	1.048	1.314	1.285	1.293	1.268	1.594	89%
Transtornos neuróticos, transtornos relacionados com o "stress" e transtornos somatoformes	182	182	243	221	162	151	173	318	180	241	32%
Retardo mental	481	472	724	691	652	710	663	634	493	555	15%
Esquizofrenia, transtornos esquizotípicos e transtornos delirantes	3.608	3.506	3.802	3.749	3.511	3.607	3.573	3.710	3.606	3.752	4%
Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substância psicoativa	5.047	6.169	6.325	6.237	5.422	4.533	3.747	3.657	4.293	4.520	-10%
Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de álcool	474	636	562	503	413	424	361	371	437	421	-11%
Demência	117	140	94	72	85	90	74	62	94	90	-23%
Total	12.215	13.480	14.330	14.137	12.972	12.631	11.735	12.050	12.962	14.482	19%

Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

Tais dados demonstram que de forma complementar à deficiência de aprendizado, das relações interpessoais e da dispersão focal dos jovens estudantes quanto ao processo de aprendizado e ensino, soma-se a crescente interferência das doenças neuro/psíquico comportamentais aos vetores que constroem o cenário do sistema educacional brasileiro.

Das oito (08) instituições analisadas¹⁵, sete (07) apontaram **sim** (em sua maioria de aluno/as) o acesso a informação facilitado (tanto em casa quanto na escola), destas 98,9 % das escolas privadas responderam positivamente e 81,5 % das públicas; quanto a exposição de *fakenews* pelas oito (08) escolas, ou seja, 96 % das instituições analisadas responderam **sim** terem sido expostas a algum tipo de informações duvidosas, *fakenews*, desinformação ou contrainformação (tanto em ambiente escolar como familiar), destas 04 escolas públicas (89,3 %) do total disseram **não** acreditar em algumas informações duvidosas apesar de ouvi-las com mais frequência e por mais canais. Já 76,9 % dos aluno/as das instituições privadas disseram ouvir em menor quantidade tais informações duvidosas, porém são apáticos quanto a questioná-las e/ou refletir sobre as mesmas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evasão, reprovações, indisciplina e queda na procura por matrículas sempre ocorreram em diversas regiões do país, mas algo diferente permeia nossa sociedade atual que foge a este escopo de ocorrências e denota algo de novo na conjuntura social, educacional e cultural do país. Sempre se fala na nova escola, na didática e nos educadores – sempre se focou com mais ênfase a estrutura e pouco

¹⁵ Os dados foram obtidos por um questionário simples padrão, não identificado, de preenchimento voluntário e distribuído nas 08 escolas (públicas e privadas) das quatro diferentes zonas urbanas de Natal. Destes questionários 04 foram destinados a escolas públicas e 04 a escolas privadas, sendo 02 escolas por região (01 pública e 01 privada). Para o cálculo foram consideradas as últimas turmas do ensino fundamental (9º ano) e o cálculo se deu por maioria dos entrevistados. Exemplo: Na Escola Pública A no total possível de 120 alunos, 92 responderam as questões (sendo 92 o número máximo referencial global) e para título de estatística simples somou-se os resultados entre cada tipo de escola e dividiu por 04 dando a sentença resposta: maioria SIM ou NÃO). Para as estatísticas mais subjetivas utilizou-se de porcentagem total dividida por 04.



nos sujeitos (CYRULNIK; MORIN 2004).

A nova geração não concebe as mesmas ideias e perspectivas sociais que a geração anterior. Há uma sensação que os jovens tenham “aceitado” a dispensabilidade social, a qual estão sujeitos segundo Bauman (2013) ou algo psico-comportamental os leva em outra direção. Não há como conceber as mudanças tecnológicas e seus impactos diretos na sociedade, e em especial no âmbito da educação, sem pensarmos numa nova postura, habilidades ou concepção de uma nova escola e como esta se relaciona com o alunato e vice e versa. O que ocorre com a atual sociedade tecnológica com a relação aluno e escola pode estar além da relação direta entre estes atores. Dados de 2020 da OCDE¹⁶ apontam que 17,7 % dos jovens no Brasil¹⁷ estão desempregados e fora da escola - são exemplos da atual realidade vivenciada.

Percebe-se um descompromisso sistêmico das novas gerações de estudantes e a emergência da construção de uma nova escola considerando as premissas do obsoletismo e as rápidas mudanças impostas pela sociedade tecnológica. Precisamos trazer para a discussão pedagógica aspectos que pautem o comportamento da nova geração de estudantes. Compreender as necessidades, carências afim de instigar potencialidades construindo uma nova didática ou uma nova escola.

A atual geração não perde tempo. Não brinca na areia, não passeia com avós ou assiste televisão na sala. Ela praticamente nasce com um *smartphone* ou *tablet* na mão. A sociedade mudou e vem mudando, mas a escola aparenta não ter acompanhado estas mudanças e se tenta não se mostra eficaz. A capacidade de reação lenta da própria instituição a torna obsoleta para essa geração Z demasiada tecnológica e responsiva (McCRINDEL, 2014).

A burocracia institucional engessa as ações e afasta a celeridade das decisões organizacionais – não se pretende aqui tensionar teoricamente as relações legais e institucionais no âmbito do poder legal e do direito constitucional sobre o instituto escola. As forças que possibilitam a mudança perpassam por educadores, políticos, alunos e a própria sociedade. Porém, Bauman (2013, p.44) diz que temas ligados à juventude são deixados numa prateleira lateral – ou eliminados da agenda política, social e cultural. Precisamos ressignificar a escola e seus espaços e estreitar as relações existentes. Novos profissionais são necessários na instituição escolar como psicólogos, assistentes sociais ou terapeutas? Apesar da atual e massiva corrente anticientífica e negacionistas que avança de forma ideológico-política na sociedade, nos caracterizamos como indivíduos sócio tecnológicos. É inevitável o avanço, a adoção e a necessidade das ferramentas tecnológicas e também éticas na escola e na sociedade humana.

¹⁶ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Disponível em: < <https://www.oecd.org/fr/bresil/> >. Acessado em 20 de mar 2022.

¹⁷ Dados. disponível em: < <https://data.oecd.org/fr/youthinac/jeunes-descolarises-sans-emploi-neet.htm> >. Acessado em 20 de mar 2022.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Célia Maria de. Célia Maria de Araújo/ Marcos Aurélio Felipe. A dimensão da imagem. Disciplina Educação e Tecnologia. EDFURN: Natal/ RN. 2007. 184p.

BASTOS, João Augusto. A educação tecnológica-conceitos, características e perspectivas. Revista Educação & Tecnologia, v. 1, n. 1, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. Sobre educação e juventude - conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Ed. Zahar.RJ: 2013.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Diretrizes Nacionais para o processo de Educação Permanente no Controle Social do SUS. 1995. In: http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/diretrizes_miolo.pdf. Obtido em 01/05/2022.

Resolução nº 333/2003. Aprova as diretrizes para criação, reformulação, estruturação e funcionamento dos Conselhos de Saúde. 2003.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Atenção Básica, 2012. In: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>. Obtido em: 01/05/2022.

Saúde da Família no Brasil: uma análise de indicadores selecionados de 1998-2005/2020. 2020. In: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/saude_familia_no_brasil_uma_analise_indicadores_selecionados_1998_2020.pdf. Obtido em 01/05/2022.

COLOMBO, Ciliana R.; BAZZO, Walter A. Educação tecnológica contextualizada, ferramenta essencial para o desenvolvimento social brasileiro. Biblioteca Digital da OEI, p. 1-10, 2002.

CYRULNYK, Boris; MORIN, Edgar. Diálogos sobre a natureza humana. Coleção Epistemologia e Sociedade. Ed. Instituto Piaget. Porto Alegre: 2004.

DASSOLER, Volnei Antonio; PALOMBINI, Analice de Lima. Atenção à crise na contemporaneidade: desafios à Reforma Psiquiátrica Brasileira. Saúde em Debate, v. 44, p. 278-291, 2021.

DESMURGET, Michel. A fábrica de cretinos digitais: Por que, pela 1ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais. 352p. Ed. Vestígio. 2021.

FOUCAULT, Michel. 1979. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal.

1995a. "O Sujeito e o Poder" in RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. 1995. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

1995b. "Entrevista a Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow". in RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. 1995. Michel Foucault. Uma Trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FIGUEIREDO, Sergio. Crianças “grudadas nas telas” podem ter seu desenvolvimento atrasado. In Revista Veja. Nº 227, de 03 de março de 2021. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/criancas-grudadas-nas-telas-podem-ter-seu-desenvolvimento-atrasado/>>. Acessado em 20 de maio de 2022.



FURIA, F. A geração Alpha e a internet das coisas: as crianças de hoje e os objetos do futuro. Playground da Inovação, 2013. <https://www.playground-inovacao.com.br/plurals-e-alphas-as-primeiras-geracoes-do-seculo-21/>. Acessado em 20 de fevereiro de 2022.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia do Oprimido como Pedagogia da Autonomia e da Esperança. São Paulo, 2018.

GUERRI, C. F. Nonágono semiótico, por qué, para qué, para quién. In: VI JORNADAS “PEIRCE EM ARGENTINA”. Anais... 2015. p. 1-8. Disponível em: www.unav.es/gep/VIJornadasClaudioGuerra.pdf. Acesso em: 10 ago. 2017

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/natal/pesquisa/13/5913>. Acessado em 25 de abril de 2022.

McCRINDEL, M. Beyond Z: meet generation Alpha. In: McCRINDEL, M. The A B C of X Y Z. understanding the global generations. 2014. P. 218 -228. Disponível em : < <https://mccrindle.com.au/insights/publications/books/>>. Acessado em 22 de janeiro de 2022.

MENEZES, Ana Paula do Rego; MORETTI, Bruno; REIS, Ademar Arthur Chioro dos. O futuro do SUS: impactos das reformas neoliberais na saúde pública–austeridade versus universalidade. Saúde em debate, v. 43, p. 58-70, 2020.

QEDU. Plataforma de Dados Educacionais do Brasil. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/>. Acessado em 25 de abril de 2022.

PEREZ, C. Signos da marca: expressividade e sensorialidade. São Paulo: Editora Thomson Learning, 2004.

SENDOV, Blagovest (abril de 1994).Entrando na era da Informação. Estudos Avançados: 28–32. Disponível em:< «Entrando na era da informação» >.Acessado em 18 de janeiro de 2022

SCHWARTZMAN, Simon; CHRISTOPHE, Micheline. A sociedade do conhecimento e a educação tecnológica. Série Estudos Educacionais, v. 2, p. 109, 2005.

SOMEKH, Bridget; LEWINS, Cathy. Teoria e métodos de pesquisa social. Petrópolis. RJ: ed. Vozes, 2015

WELLER, W. , 2015. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. Sociedade e Estado. Brasília. v.5, nº 2, p. 205-224, maio/ago 2010. Disponível em : < <https://www.scielo.br/j/se/a/pYGppjZyvTjJH9P89rMKHMv/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em 18 de janeiro de 2022.